

RESENHA: BOBBIO SE ENCONTRA COM O REPUBLICANISMO

Rafael Salatini

Doutor em Ciência Política pela USP. Professor Adjunto I de Teoria Política na FADIR-UFMG.

BOBBIO, Norberto; VIROLI, Maurizio. **Direitos e deveres na república** – Os grandes temas da política e da cidadania. Trad. de Daniela Beccaccia Versiani. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 131 p.

Direitos e deveres na república – Os grandes temas da política e da cidadania (Tradução de Daniela Beccaccia Versiani. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007, 131 p.) consiste numa nova edição, sem qualquer alteração substantiva, mas curiosamente com um novo título (menos correto que o da primeira edição), de *Diálogo em torno da república*, de Norberto Bobbio & Maurizio Viroli, publicado na Itália em 2001 e no Brasil, primeiramente, em 2002. Trata-se de um belíssimo diálogo entre dois pensadores políticos italianos: o experiente Norberto Bobbio (à época com 92 anos) e o novato Maurizio Viroli (com quarenta anos a menos). Dedicado aos diversos temas e subtemas do republicanismo político, com grande destaque para os diversos problemas políticos da república italiana, o diálogo transcrito e revisto pelos autores oferece uma rica oportunidade para conhecer, introdutoriamente, o pensamento político de ambos, que se colocam ora em confronto ora em convergência, representantes não somente de duas correntes políticas diversas, mas também de duas gerações de intelectuais políticos italianos.

Para os admiradores da figura intelectual de Bobbio, consiste numa rara oportunidade de apreciar as considerações do velho filósofo liberal-socialista sobre um tema político acerca do qual este pouco se debruçara, o que, para quem conhece sua vastíssima obra intelectual, trata-se de num achado, que chega a causar admiração no próprio autor. A certa altura, Bobbio diz a Viroli: “Na minha formação de estudioso da política, nunca me detive sobre o republicanismo ou a república. Pouco ou nada conheço dos teóricos do republicanismo, que são aqueles que inspiram você” (p. 10 [ed. 2002], p. 02 [ed. 2007]). Todavia, tal afirmação não

traduz – por modéstia – a verdadeira compreensão bobbiana sobre o tema. Dois argumentos bastante sólidos afastam Bobbio do republicanismo: o idealismo e a heterogeneidade dos pensadores republicanos. Sobre o primeiro, Bobbio afirma o seguinte: “No meu entender a república dos republicanos e, portanto, também aquela que você subscreve, é uma forma de Estado ideal, um ‘modelo moral’, como foi chamada a república de Montesquieu, que influenciou os revolucionários franceses: um Estado ideal que não existe em nenhum lugar, que existe apenas literariamente nos escritores que você [Viroli] cita”; enquanto, sobre o segundo, assevera em sequência: “[escritores] que são, aliás, tão heterogêneos que é difícil ligar um ao outro com um fio consistente: de Tito Lívio a Mazzini e Cattaneo, passando por não sei quantos escritores medievais e modernos”. E continua Bobbio: “Entre eles há escritores propriamente políticos e historiadores que escreveram sobre Roma, considerada uma história exemplar. O Estado como deveria ser, e não como é. Devaneios do futuro ou nostalgia do passado” (p. 13-14 [ed. 2002], p. 06 [ed. 2007]). Nesse tom, por todo o diálogo, Bobbio segue desafiando o anti-republicanismo de um pensamento político veementemente realista, lapidado ao longo de todo o século passado, ou seja, o realismo político de alguém que passou pelo fascismo, pelo comunismo, pelas duas guerras mundiais, pela democracia, pela crise cultural europeia, pela Guerra Fria, pelo terrorismo, etc. Poucos pensadores políticos ao longo do século XX podem ser considerados tão sólidos e respeitáveis quanto Bobbio, em sua paciência argumentativa, em sua inflexibilidade intelectual, em sua elegante erudição, em sua capacidade de diálogo e em sua desafeição aos improvisos teóricos e modismos metodológicos. As diversas respostas prontas e linhas de raciocínio rápidas que Bobbio contrapõe a seu interlocutor poderiam ser consideradas sintomas de dogmatismo em qualquer autor, mas, em Bobbio, não soam mais do que o resultado, ao final da vida, de quase um século dedicado à investigação e reflexão intelectual incansáveis. Pode-se dizer que, chegado aos mais de 90 anos, Bobbio possuía poucas certezas, mas todas dignas de atenção: são palavras de um intelectual que inspira o respeito e a dignidade até de seus maiores críticos (vide a correspondência Bobbio-Anderson, publicada em português há alguns anos).

Viroli, por sua vez, não pode ser considerado senão como um pensador político menor, discípulo de média expressividade da chamada escola de Cambridge, ligada a grandes historiadores das idéias políticas como J.G.A. Pocock e Quentin Skinner. Seguindo uma linha intelectual de segunda mão, repetindo motes republicanos cambridgeanos, incapaz – mas

quem seria capaz (sobretudo na Itália)? – de contornar uma figura intelectual da estatura de Bobbio (mesmo dialogando sobre um tema que aquele domina incomensuravelmente mais que este), Viroli não oferece mais que um papel de coadjuvante do maior pensador político do pós-guerra na Itália, que representa naquele país tanto quanto Benedetto Croce representara no período pré-guerra. O grande momento de Viroli certamente consiste em apresentar a grande novidade do republicanismo cambridgeano: a redescoberta da concepção republicana de liberdade, (que Skinner denominou de “liberdade antes do liberalismo”), apresentada, por sua importância, já na abertura do diálogo (embora o pensador republicano retorne a ela no final da parte 3), quando Viroli afirma – distinguindo liberalismo, democracia e republicanismo – o seguinte: “O liberalismo entende a liberdade como ausência de interferência; a democracia identifica a liberdade no ‘poder de estabelecer normas a si próprios e de não obedecer a outras normas além daquelas estabelecidas a si próprios’ (são palavras suas [de Bobbio]); ao contrário, o republicanismo identifica a verdadeira liberdade na ausência de dependência da vontade arbitrária de um homem ou de alguns homens” (p. 09 [ed. 2002], p. 01 [ed. 2007]). Não se trata nem de uma distinção corriqueira nem de uma distinção à qual Bobbio tenha dado grande atenção em sua carreira. Contudo, percebe-se nas respostas de Bobbio menos a omissão que a descrença com relação ao republicanismo. Uma frase curta e seca no capítulo 6 expõe a avaliação bobbiana sobre as idéias de Viroli (e do republicanismo em geral): “O que você [Viroli] diz é uma utopia” [p. 72 [ed. 2002], p. 69 [ed. 2007]]. Embora não se possa dizer que os republicanos não saibam disso.

No conjunto, este pequeno livro oferece um cativante exercício de diálogo entre duas gerações de pensadores políticos italianos (aquela que Bobbio chama, em outro texto, de “última geração croceana”, à qual pertence, e a geração que não conheceu Croce): um representante da velha geração de pensadores políticos, que se tornaram realistas por conhecer de perto tanto o fascismo quanto a democracia, e um representante da nova geração, fortemente idealista, em grande medida vazia de objetivos políticos concretos. Em certos momentos, percebe-se a falta de paciência de Bobbio em responder (embora inúmeras respostas inconclusas possam ser completadas lendo as várias obras escritas de ambos os autores) em profundidade às investidas de Viroli, aceitando argumentos vivos, mas enganosos, como quando Viroli enaltece a virtude civil, dizendo que “este é o verdadeiro significado do ideal republicano do amor pela pátria” e

Bobbio resume-se a dizer: “Tome cuidado com o amor pela pátria [...]. Também o fascismo referia-se à pátria, dizia que era preciso defender a pátria, que era preciso dar a vida pela pátria. A palavra pátria se presta a enganos por parte daqueles que detêm o poder” (p. 19 [ed. 2002], p. 11 [ed. 2007]). Ao longo de todo o diálogo, nota-se o enfrentamento entre o idealismo viroliano, de quem nunca conheceu em vida um regime político autocrático e se entusiasma facilmente pela leitura de descrições ideais do Estado perfeito como as de Maquiavel (refiro-me aos *Discursos...*), More, Milton, Harrington, Rousseau, etc. e o realismo bobbiano, de quem enfrentou em juventude o regime fascista e poucos ideais políticos alimentou ao longo da vida. Em outra passagem que recoloca o mesmo impasse, Viroli pergunta a Bobbio: “Você escreveu um livro que se intitula *L’etat dei diritti* [1990]. Você acrescentaria a esse livro um ensaio sobre a necessidade do dever? Não lhe parece que, para a era dos direitos se realizar verdadeiramente, seja necessário o senso do dever?” Serenamente, Bobbio responde (como quem explica uma questão difícil, que requer ponderação, a um adolescente apressado): “A exigência dos direitos nasce da necessidade de nos defender da prepotência e da opressão, de todas as formas de poder despótico das quais tivemos experiência na nossa vida. Reivindicamos os direitos em oposição ao despotismo, que exige dos súditos apenas deveres e não reconhece direitos” (p. 45 [ed. 2002], p. 41 [ed. 2007]).

Se notarmos que é Viroli (alguém que se auto-define pela “intransigência”) e não Bobbio (alguém que se define pela “transigência”, se notarmos o que afirmam ambos na seção 4) quem coordena o diálogo, não se pode deixar de notar também, para além das ocasionais convergências e divergências entre ambos, a sutil tendenciosidade de Viroli em tomar como conclusão das diversas seções do diálogo suas próprias conclusões, mesmo que Bobbio não haja de fato concordado com elas, o que fica claro, entre outros momentos, na seção 7, onde, debatendo-se a nefasta figura de Silvio Berlusconi na democracia italiana contemporânea, Bobbio o descreve como um “tirano clássico” enquanto Viroli insiste em classificá-lo com a categoria esdrúxula (por ele inventada) de “demagogo oligarca”, fazendo esta categoria predominar como conclusão do assunto mesmo que Bobbio a ela não tenha dado nenhuma anuência explícita ao longo da conversa. De fato, a velocidade, a pressa e as certezas de Viroli contrastam com a calma, a moderação e a dúvida metódica de Bobbio (que, muitas vezes, aceita sem titubear mesmo as dúvidas que Viroli projeta sobre suas palavras). Por outro lado, também a avançada

idade de Bobbio e a quantidade absurda de textos que escreveu dificultam suas respostas, obrigando Viroli, com grande honestidade, em mais de uma ocasião, a lembrar ao velho filósofo piemontês passagens de sua própria obra. Não por outro motivo, os últimos textos publicados por Bobbio seriam aqueles dedicados ao tema da velhice, a começar por *De senectude* (1996) e *Autobiografia* (1999).

Volto ao mesmo elogio exposto no começo do texto: trata-se de um belíssimo diálogo, possivelmente com mais vida – porque verdadeiro – que os inúmeros diálogos que a filosofia política conheceu, de Platão aos últimos diálogos escritos por Maquiavel, Hobbes, etc. Raros formatos permitem tal qual a velha arte do diálogo, perdida nos últimos séculos, a contraposição imediata das idéias, a interposição viva de argumentos, o enfrentamento necessário das disposições intelectuais diversas, etc. Quase ao final da vida, Bobbio, que se dedicou por toda vida mais ao diálogo político que ao proselitismo ideológico, nos oferece um exemplo final da importância de saber ouvir e falar (e mais ouvir que falar) e não somente falar, aquele que deveria ser o duplo exercício dos chamados intelectuais. Não se pode deixar de notar também a idêntica disposição de Viroli. É como se, pela via do diálogo entre Bobbio e Viroli, uma geração de intelectuais italianos já extinta passasse a palavra a outra geração, novata, que – como diria um velho professor a um jovem aluno – tem muito o que aprender.

Por fim, também curiosamente, ainda que os dois textos sejam praticamente idênticos, não se deixa de notar que a edição anterior era melhor: além de possuir menos erros gráficos e uma paginação melhor feita, empunhava o título real da obra.